

MOTORISTAS MOVIDOS A FÚRIA

Mesmo pessoas calmas e cordiais se tornam feras quando estão ao volante. Xingam e reclamam de infrações que elas também cometem. O que há por trás de tanta raiva?

RENATA MORAES

Os motoristas que circulara nas grandes cidades brasileiras costumam se colocar na posição de sentinela prestes a enfrentar o inimigo. Qualquer comportamento considerado inadequado de outro motorista é motivo para o sangue subir à cabeça — e para o destempero que se traduz em buzinas impacientes, "fechadas", palavras e gestos ofensivos. Muitas vezes o motorista considera intolerável uma pequena infração que ele próprio costuma cometer. Eu posso, mas os outros não podem, é o argumento — quase sempre inconsciente — nesses casos. Por trás da selva em que se transformou o trânsito repousa uma questão intrigante. A maioria dos motoristas só se comporta de forma agressiva quando esta no carro. Fora dele, são pessoas de temperamento moderado. Por que, então, perdem a compostura e se tornam feras ao volante? As explicações mais comuns para essa mudança de atitude dizem respeito à irritação causada por congestionamentos cada vez mais frequentes, à pressa e ao stress da vida moderna. Esses componentes certamente fazem parte da fúria motorizada, mas não são suficientes para justificá-la. Segundo os estudiosos do comportamento humano, há outras forças que contribuem para a agressividade no trânsito.

As normas de civilidade são mais frouxas no trânsito porque, dentro do carro, quem está ao volante se torna anônimo e tem a sensação de que jamais vai cruzar novamente com os motoristas que encontra nas ruas. Sob o anonimato, certas noções que formam a base da convivência humana se enfraquecem. O contato com olhos nos olhos, fator que sabidamente aumenta a chance de cooperação entre as pessoas, é inexistente. Como resultado, atitudes intoleráveis na maioria das interações sociais, como a agressão verbal e o revide a ela, são praticadas com maior liberdade. Para explicar esse comportamento, o psicólogo canadense David Wiesenhal, da Universidade York, em Toronto, faz uma analogia com a sala de aula de uma escola infantil. Quando a professora apaga a luz para passar um filme, os alunos começam a fazer mais barulho, pois sabem que será difícil identificá-los no escuro. "O anonimato protege os motoristas das consequências negativas de suas infrações", disse Wiesenhal a VEJA.

A agressividade no trânsito é um fenômeno mundial. Uma pesquisa realizada pelo instituto Gallup em 2003 com 13673 voluntários em 23 países — o Brasil não está entre eles — apontou um aumento do comportamento agressivo em relação ao fim da década de 90. Em apenas quatro anos, os austríacos, por exemplo, relatavam 13% mais irri-

ração com outros motoristas e i 2% mais casos em que se sentiram vítimas da agressividade alheia. Cada país tem seu estilo próprio de violência ao volante. Os americanos, os que mais admitem ser agressivos ao volante, fazem pressão colando na traseira — assim como os japoneses. Os australianos fazem gestos obscenos e os argentinos gritam alguns palavrões. Em geral, os motoristas se irritam com as talhas dos outros e consideram a si próprios melhores que a média. Um estudo realizado pela Universidade de São Paulo com 500 motoristas paulistas, em 2003, mostrou que, entre os que já haviam se envolvido em acidentes, 23% enxergavam a si mesmos como condutores habilidosos, que não contribuem para o caos no trânsito.

O psicólogo americano Dwight Hennessy, da Buffalo State College, nos Estados Unidos, avalia que um dos estímulos mais fortes à agressividade dos motoristas é a certeza de impunidade, já que é relativamente seguro comportar-se mal no trânsito. Disse ele a VEJA: "Embora o trânsito seja regido por um estrito código de regras, as punições são raras quando se considera a enorme quantidade de infrações cometidas. Muitos motoristas procuram fazer justiça com as próprias mãos". A psicóloga Cláudia Aline Monteiro, da Universidade da Amazônia, autora do estudo "Agressividade, raiva e comportamento de motorista", de 2006, observa que, nas grandes cidades brasileiras, "o motorista não se sente reprovado em seu círculo social

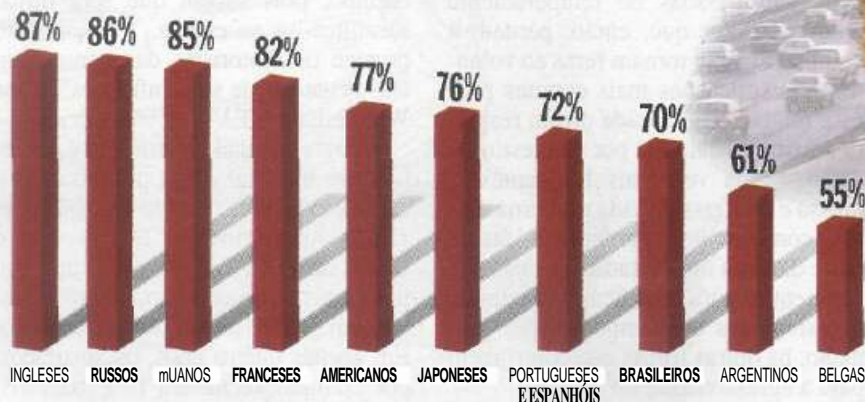


"Faço ioga, sou calma e, por isso, os amigos se surpreendem quando pegam carona comigo. No trânsito, fico irritada com as pessoas que andam devagar, param em fila dupla e cortam os outros carros. Outro dia, gritei com um motorista e só depois descobri que era um amigo meu. Que vergonha!"

Lilian Fujiy, paulista, economista

O FENÔMENO É MUNDIAL

OS MOTORISTAS QUE MAIS SENTEM RAIVA NO TRÂNSITO





O QUE MAIS IRRITA O MOTORISTA BRASILEIRO

Homens

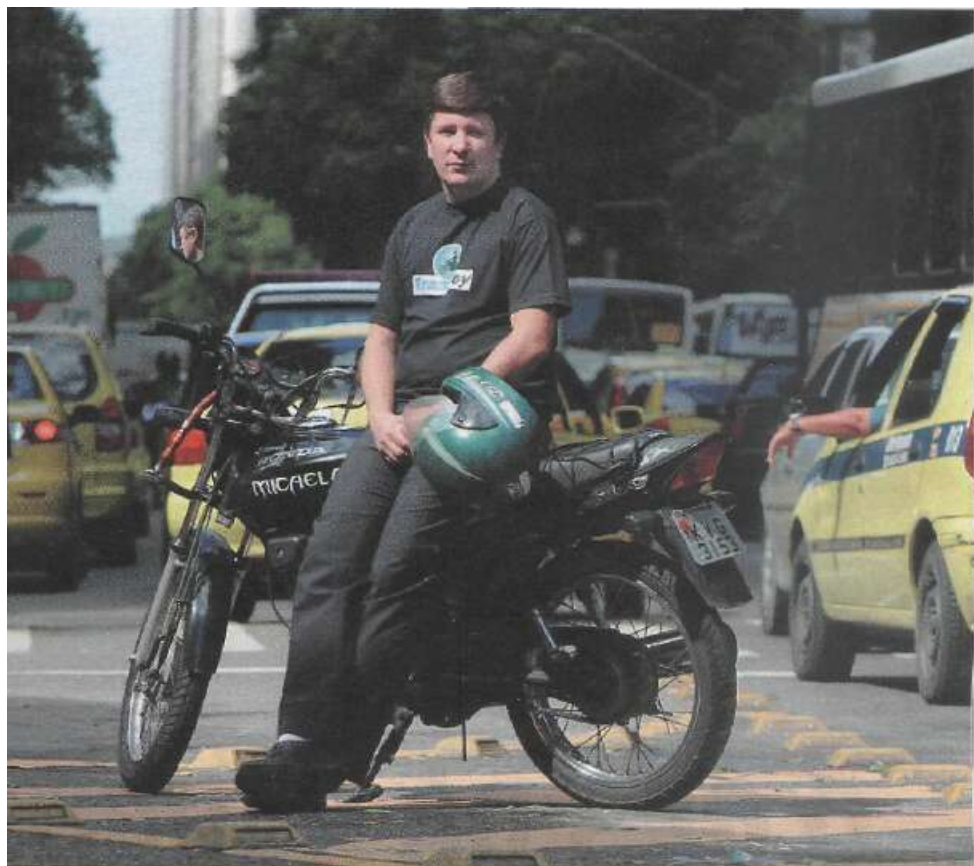
Quando alguém atrapalha seu caminho: motoristas que param em sinal amarelo e dirigem devagar

Mulheres

Comportamento imprudente e agressivo dos outros motoristas: fazer ultrapassagem perigosa, dar luz alta e colar na traseira

Fontes: Pesquisa do Gallup Europe sobre comportamento agressivo (2003); psicóloga Cláudia Aline Monteiro, da Universidade da Amazônia, autora do estudo "Agressividade, raiva e comportamento de motorista" (2006)

FOTOS: PHOTOISC E DIGITAL VISION



"Na minha profissão a gente está sempre com pressa, por isso não costumo respeitar muito o sinal vermelho. Avanzo com consciência. Quando fico irritado com a lerdiceza, a distração e as fechadas dos outros motoristas, xingo mesmo. Sei que ninguém vai anotar minha placa só porque fui mal-educado. Desde que virei motoboy, há oito anos, passei a fazer teatro para relaxar. Como ator sou outra pessoa, calma e descontraída."

Cristiano Cardoso, carioca, motoboy

por dirigir de forma agressiva nem é reprimido severamente quando burla as regras". No Brasil, não há estatísticas sobre agressões no trânsito nem punições específicas para elas.

Dois livros lançados nos Estados Unidos nos últimos anos procuram explicar os motivos da fúria no trânsito nas grandes cidades e suas consequências para a população. O psicólogo americano Leon James, professor da Universidade do Havaí, é autor do livro *Road Rage and Aggressive Driving* (Fúria no Trânsito e Direção Agressiva). Ele avalia que a raiva dos motoristas não é produto de desequilíbrio individual. Pelo contrário, tornou-se um hábito social nos grandes centros urbanos. Um hábito que provoca perdas para todos os envolvidos, ocasionando mais stress e atritos e aumentando os riscos de acidente. Para dimensionar os

prejuízos causados pela direção agressiva, o americano Torn VanderbUt, autor do livro *Por que Dirigimos Assim*, já traduzido no Brasil evoca a Teoria dos Jogos, criada na década de 40 pelo matemático John von Neumann e pelo economista Oskar Morgenstern. A teoria com frequência é usada no terreno das ciências sociais para explicar situações estratégicas que envolvem duas ou mais pessoas. De acordo com ela, as escolhas que fazemos no ambiente coletivo não levam diretamente ao sucesso ou ao fracasso individual. A combinação das decisões tomadas por todos os envolvidos é que determina o resultado final. No trânsito, isso equivale a dizer que as atitudes individualistas e agressivas não produzem benefício algum. Apenas eternizam a cultura dos raivosos do volante.

COM REPORTAGEM M THOMAZ FAVARO